

A TRADUÇÃO DE TEXTOS SENSÍVEIS DO CRISTIANISMO: ALGUMAS REFLEXÕES

Márcio José Cenati¹

RESUMO: Neste artigo, nos dedicaremos a fazer algumas ponderações sobre a tradução de textos sensíveis referentes ao conjunto dos textos denominados “Novo Testamento” e que integram a Bíblia cristã. No tópico intitulado “O texto sagrado é insensível” procuraremos desenvolver algumas reflexões abordando as controvérsias inerentes a esses textos comumente entendidos pelo cristianismo como sacros, imaculados e intocados. Quanto ao tópico nominado “Defina texto original” ponderaremos sobre as principais dificuldades que envolvem as traduções de textos sensíveis do Novo Testamento a partir da ideia de “textos originais”. O tópico “No princípio era a palavra” discorreremos sobre o “texto original” dos evangelhos enquanto transcrição de performances orais do Cristianismo. Por fim, concluiremos realizando nossas considerações finais, entendendo desde já que o tema é de grande complexidade e que de forma nenhuma quisemos esgotá-lo neste trabalho, bem como sabemos que seria impossível fazê-lo em decorrência de sua profundidade e heterogeneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Textos sensíveis. Novo Testamento. Tradução. Bíblia. Cristianismo.

ABSTRACT: In this article, we will dedicate ourselves to make some considerations about the translation of sensitive texts referring to the set of texts called “New Testament” and that are part of the Christian Bible. In the topic entitled “The sacred text is insensitive” we will try to develop some reflections addressing the controversies inherent in these texts commonly understood by Christianity as sacred, immaculate and untouched. As for the topic named “Define original text”, we will consider the main difficulties involved in the translation of sensitive New Testament texts based on the idea of “original texts”. The topic “In the beginning was the word” we will discuss the “original text” of the gospels as a transcript of oral performances of Christianity. Finally, we will conclude by making our final considerations, understanding that the theme is of great complexity and that we in no way wanted to exhaust it in this work, as well as we know that it would be impossible to do it due to its depth and heterogeneity.

KEYWORDS: Sensitive texts. New Testament. Translation. Bible. Christianity.

1 O texto sagrado é insensível

O “Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa” nos dá alguns sinônimos para a palavra “sagrado”, por exemplo, no sentido de santo, aquilo que é divino, puro, imaculado, mas também pode nos indicar outros sinônimos, por exemplo, no sentido daquilo que deve ser respeitado e que não se pode tocar ou mexer.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2019).

Antes da famosa tradução latina da bíblia por Jerônimo (347-420 E.C.), também conhecida por Vulgata, os textos sagrados do Cristianismo eram recobertos, não somente pelo sentido do divino que a cultura do cristianismo impôs ao texto do Novo Testamento, mas também pelo sentido do sagrado enquanto aquilo que não podia ser mexido ou violado. Segundo Nida as traduções latinas anteriores a Vulgata eram muito literais e, inclusive, desordenadas. Talvez por terem “como modelo de literalismo [...] certos trechos da Septuaginta, que costumavam ser tão literais ao ponto de causarem estranheza, e escritos num grego extremamente ruim” (Nida, 1964, p.12, tradução nossa). Em 395 E.C. Jerônimo escreve uma carta a Pamáquio, na qual ele defendeu, com fundamento em Cícero, sua estratégia de tradução: traduzir “sentido-por-sentido” e não “palavra-por-palavra”, favorecendo assim uma tradução menos literal. Conforme Nida (1964, p.13) essa preferência de Jerônimo pela tradução do sentido, ao invés da tradução literal que tenta seguir “palavra-por-palavra” a língua em que se encontra a mensagem do texto, exerceu grande influência sobre a teoria da tradução.

Apesar de todo o caráter inovador da Vulgata, o conceito de “fidelidade” ao original bíblico ficou associado a uma equivalência direta entre o texto de partida e o texto de chegada. Na primeira idade média (Séculos V-VIII E.C.), “não apenas se valorizava a tradução literal como sinal de fidelidade, mas também, porque a palavra era a menor unidade de tradução” (Nida, 1964, p.25, tradução nossa). Quando Santo Agostinho, por exemplo, observou que havia diferenças “prejudiciais” entre diferentes versões latinas da bíblia, passou a recomendar traduções mais literais, “palavra-por-palavra”, “por achar que elas seriam mais fiéis e representariam menos risco de uma leitura errônea dos evangelhos” (Hermans, 1997, p. 23).

Assim, o cristianismo entende seu “seu livro” como sagrado porque sua mensagem não pode ser “adulterada” pois carrega em si o ensinamento “verdadeiro” da personagem Jesus, como se ele estivesse proferindo tal ensinamento nos dias atuais. Dessa forma, a alteração no texto dos evangelhos pode ser considerada como uma modificação nos ensinamentos de Jesus. Além disso, o denominado “texto sagrado” é considerado como um texto que se manteve “intacto” desde a sua produção por seus autores e, no imaginário cristão, estes textos foram copiados e recopiados sem sofrer alterações, chegando aos nossos dias tal qual foram escritos no primeiro século da Era Comum.

É claro que o “texto sagrado” fundamentado no imaginário cristão cai por terra na primeira análise histórica e linguística, pois o referido texto, desde o século I E.C. até a invenção da imprensa no século XV, foi submetido a todo tipo de alteração, acréscimos e manipulações diversas como exemplifica Cyril Aslanov:

...termos traduzidos de forma equivocada na Bíblia [...] disseminaram e cristalizaram dogmas na cultura cristã. [...] a opção dos tradutores por traduzir *almãh* (palavra hebraica) como “virgem” no grego – ao invés de “garota” –, foi negligente e tendenciosa. (ASLANOV, 2015, p. 26)

A manipulação do “texto sagrado”, neste caso visava dar suporte ao conceito de “virgindade” que já vinha do discurso judaico e que começava a se firmar na teologia do Cristianismo nascente. Poderíamos listar outros exemplos de Aslanov e de outros autores demonstrando que o “imaculado” “texto sagrado” foi manipulado e encerra uma enormidade de inconsistências. Além disso, a alteração dos textos cristãos era inevitável vez que sua subsistência dependeu do fator humano no decorrer dos séculos. Dessa forma, não é razoável admiti-lo como algo que permaneceu “intacto” e “imaculado” no decorrer dos séculos.

Apesar de podermos facilmente despir os textos do Novo Testamento de sua “aura sagrada”, não podemos deixar de reconhecer que o ser humano, quando crê, vivência, em sua existência e de forma subjetiva, a experiência do transcendente, isto é, aquilo que não fica restrito ao mundo físico.

Segundo Lopes:

É inegável que o sagrado influência muitas pessoas e está inserido no cotidiano da humanidade. Trata-se de um mistério que não se restringe a um universo palpável, mas declara concretamente sua existência por meio das reações e dos sentimentos vividos por homens diante dele. O sagrado também se apresenta verbalmente aos homens por meios de livros vistos como de origem divina. A maioria das religiões, além de possuir seus rituais e normas, é regida por esses textos considerados sagrados. São escritos antigos que até hoje influenciam homens, determinando normas e regras de comportamento. [...] assumem um valor não só instrucional, mas também emocional, tendo em vista o apego e o respeito que as pessoas assumem diante de um texto sagrado. (LOPES, 2009, p. 63)

A definição do sagrado conforme Lopes, nos remete a variação emocional do sentimento daquele que professa uma fé, crença ou religião em relação ao respeito que tal pessoa tem pelo texto que, para ela, é sagrado. Então, a tradução de “textos sagrados” pode envolver a sensibilidade que o leitor/crente vai ter em relação a determinada tradução, uma vez que os textos também podem despertar alguma sensação no leitor. “Nenhum leitor é passivo diante de uma leitura”, como se vê em Lopes (2009, p.63).

Dessa forma, podemos entender que o “texto sagrado” pode ser denominado “sensível” não porque em si possui algo que produz algum tipo de sensação, mas é “sensível” pela forma

como o leitor enxerga o mundo. Lopes vai destacar que existem dois tipos de leitores sensíveis: “aquele que vai se satisfazer apreendendo a proposta de tradução com prazer e aquele que não se satisfaz reagindo com desprezo em relação a tradução proposta” (LOPES, 2009, p.63-64).

Portanto, podemos inferir que os “textos sagrados” são insensíveis posto que são apenas textos, como outros textos também o são. Porém, é o leitor, como ser sensível, que vai julgar o texto a partir de suas sensações. Por isso, o ser humano, como portador de um sistema complexo de linguagem, é o fator preponderante na interpretação e na tradução.

A tradução de “textos sensíveis” se torna um enorme desafio para o tradutor, uma vez que o obriga a conviver com as mais variadas reações em decorrência da sensibilidade emocional dos leitores de sua tradução.

Long afirma que

[...] não podemos esquecer que os “textos sensíveis” atuam como modelos de conduta para todo os seus leitores, incluindo indivíduos, comunidades ou culturas inteiras. Trata-se de mais um fator a explicar por que interpretá-los ou traduzi-los pode acarretar dificuldades ou mesmo gerar censura. (LONG, 2005, p.7, tradução nossa)

O “texto sagrado” está diretamente ligado a sensibilidade do público receptor da tradução. Esse público é mais variado que dos textos literários e, além disso, têm o “texto sagrado” como modelo de conduta, o que torna a tradução muito mais complexa. É claro que o texto é insensível, seja ele “sagrado” ou não, a sensibilidade de um texto está na forma como ele é visto pelo público receptor, pois pode acarretar grande envolvimento emocional por parte de seus leitores. Podemos dizer que Long foi brando ao falar em “dificuldades” ou “censura”, pois quando se trata da tradução de “textos sensíveis” essas reações podem extrapolar da simples crítica para ações mais agressivas como podemos observar nos últimos 2000 anos.

Para exemplificar esses riscos, podemos citar o caso de John Wycliffe, nascido por volta do ano de 1330, no interior da Inglaterra. Wycliffe tem o seu nome associado à primeira tradução da Bíblia para o inglês. Os líderes da Igreja se opuseram violentamente à Bíblia em inglês e perseguiram Wycliffe. Ele foi condenado postumamente, ou seja, depois de morto, teve o corpo desenterrado e queimado. Outro exemplo histórico é de William Tyndale (1494 – 1536). No começo do século XVI E.C. ele iniciou a tradução da Bíblia para o inglês à base das línguas originais (não da Vulgata latina). Tyndale empreendeu esta tarefa esperando obter o apoio do Bispo Cuthbert Tunstall, mas o apoio do bispo não se concretizou sendo ele perseguido e encarcerado no castelo de Vilvorde, perto de Bruxelas. Em setembro de 1536, foi executado por estrangulamento e queimado. Em 1807, cerca de 271 anos depois da execução de Tyndale,

que Robert Morrison, missionário protestante, chegou a Cantão, na China. Em pouco tempo passou a trabalhar na tradução da Bíblia para o chinês. Morrison tinha algum conhecimento de chinês, mas precisava de ajuda adicional com a língua. Tal ajuda não estava prontamente disponível, porque a tradução para o chinês era um empreendimento arriscado, punível com a morte. Contudo, Morrison conseguiu obter a ajuda de dois eruditos chineses. Um deles ficou tão temeroso de ser preso e depois morto por tortura vagarosa, que carregava consigo veneno, para suicidar-se caso fosse apanhado.

É claro que hoje, em países que possuem um razoável estado democrático de direito, seria impensável, porém não impossível, que um tradutor sofresse a pena capital por conta de uma versão da Bíblia. Entretanto o tradutor, que em nome da excelência acadêmica, não atenda a expectativa do leitor/crente está sujeito a sofrer perseguição, ameaças, agressões físicas, ser vítima de *fakenews* e até mesmo linchamento virtual.

Essa sensibilidade dos leitores/crentes pode estar relacionado ao fato de que eles estão acostumados com uma linguagem e uma tradução nova suscita indisposição pois, a tradução antiga encontrou seu espaço e é aceita assumindo um papel sagrado. Existe um respeito transcendental à tradução mais antiga comumente usada. O leitor/crente já adquiriu familiaridade com palavras de uso raro registradas na tradução antiga, assimilando um vocabulário próprio. Assim, uma tradução antiga torna-se, portanto, uma base para as demais e constitui-se como o texto sagrado, tornando-se um padrão. Por isso, muitos têm dificuldade em aceitar uma nova tradução, mesmo que essa seja mais compreensível e corresponda mais à realidade linguística atual. Sawyer afirma que:

Há também o fato de que a linguagem frequentemente tem uma dinâmica própria: palavras, sintagmas, até sons consagrados por século de uso no contexto altamente carregado do ritual religioso, podem exercer uma forte influência nos adoradores, o que torna difícil para eles, até mesmo ponderarem mudanças na linguagem. Reações conservadoras, em nossos dias, para algumas das novas traduções da Bíblia e para novas versões vernáculas da liturgia da Igreja são exemplo específico disso (SAWYER (1999, p.26, tradução nossa).

Junto à ideia de sacralidade que envolve os “textos sensíveis” está a compreensão de que esses textos “descendem” diretamente de um texto original. A ideia de “texto original” traz em si o entendimento equivocado de que o leitor pode ter hoje em suas mãos uma cópia traduzida e “fiel” do primeiro texto escrito. Essa percepção tem por finalidade ampliar o grau de sacralidade atribuído ao “texto sensível” ao creditar a ele uma característica de cópia “fiel” ou de uma “tradução fiel”. Além da ideia do “texto sagrado”, podemos verificar que algumas

editoras atribuem subtítulos às traduções dos “textos sensíveis”, como por exemplo: “traduzido dos originais gregos”, “fiel às línguas originais”, “tradução direta dos textos originais”. Isso parece mais uma técnica para estimular as vendas ou atribuir valor ao trabalho de tradução para deixar o potencial cliente tranquilo quanto ao fato de estar adquirindo uma “tradução fiel” dos textos originais. Essa prática é muito comum no que se refere a tradução do Novo Testamento da bíblia a partir do grego. Porém, é possível definir o que vem a ser um texto original da bíblia ou do Novo Testamento? Existe realmente um texto original? Essas são questões que buscaremos responder no desenvolvimento do próximo tópico.

2 Defina texto original

Na atualidade é comum vermos, talvez por força do *marketing*, traduções dos evangelhos cujos títulos contêm expressões como: “Tradução dos originais”, “Traduzido dos originais gregos” e também a mais favorita “Fiel aos originais”. É claro que se trata de propaganda para vender mais exemplares aos fiéis consumidores. Porém, a ideia que primeiro vem à mente dos mais incautos é, por exemplo, que o tradutor, de posse do manuscrito datado do século I E.C. e assinado pelo autor, procedeu a tradução daquele texto “palavra-por-palavra” para o português. Quando se trata de “textos originais” da bíblia e com mais precisão do conjunto dos livros denominados de Novo Testamento, a questão sobre a tradução é infinitamente complexa.

Mas como definir o que é o “texto original”² em relação ao Novo Testamento?

Muito do que se denomina original nessas propagandas é um texto grego produzido por Nestle – Aland³ no século passado e que se encontra hoje em sua 28ª edição. Apoiado por um aparato crítico, que elenca vários manuscritos que variam entre o século II e XI E.C., o texto de Nestle-Aland acabou aceito, tanto no mundo acadêmico quanto no mundo da religião cristã, como texto de partida para a tradução do Novo Testamento. Alguns estudiosos como Nida (1964) e Metzger (2006) consideram o texto grego de Nestle-Aland como o mais próximo daquilo que teria sido o “texto original”.

Cerca de 5.700 manuscritos gregos do Novo Testamento chegaram até nós, a maioria produzida a partir do Século IV E.C., porém, quanto mais regressamos até o Século I E.C., mais

² Para fins apenas desta reflexão vamos considerar hipoteticamente o “texto original” do Novo Testamento como sendo o manuscrito lavrado pelo próprio autor (evangelista) do Século I E.C.

³ NESTLE, Eberhard; ALAND Kurt. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

fragmentados e escassos são os textos disponíveis. O intenso processo de cópia e recopia até a invenção da imprensa, fez que muitos e variados erros ou leituras variantes fossem introduzidos no texto dos evangelhos. Paroschi, (2012, p. xiv) fala em mais de 250 mil variantes textuais, o que supera o número de palavras do Novo Testamento que é pouco mais de 138 mil. Diante de tal multiplicidade de variações é difícil estabelecer o que pode ser considerado “texto original” ou em quais dos fragmentos antigos as traduções se baseiam. O mais próximo que se pode chegar de um “texto original” dos evangelhos é um fragmento de papiro denominado P52 datado do ano de 125 E.C. que possui trechos do evangelho de João (18:31-33, 37-38).

A ideia de “texto original”, que é marcante e recorrente na tradução de textos cristãos se enfraquece diante de uma análise histórica e científica mais aprofundada. Nesse sentido destacam-se as ideias sobre leitura e interpretação inerentes ao pós-estruturalismo que contribuíram muito para a relativização da ideia daquilo que é denominado “texto original”. Rosemary Arrojo diz que não há um texto original pois, todo “texto se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escrita (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (Arrojo, 1999 p.80).

Assim, mesmo que tivéssemos o manuscrito do evangelista datado e assinado do I século E.C., ou mesmo que tenhamos uma nova descoberta arqueológica de textos do Novo Testamento, estes serão lidos, interpretados e traduzidos com um outro olhar, como nos indica os pensadores pós-estruturalistas.

Segundo Arrojo (Ibidem, p.42), a tradução seria “teórica e praticamente impossível se esperássemos dela uma transferência de significados estáveis”, já que tal estabilidade não existe. Nessa perspectiva a tradução somente seria viável se vista, segundo Jacques Derrida (2001, p. 26), como “uma transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro”.

A tradução dos “textos sagrados” do Novo Testamento para línguas diferentes daquelas em que foram escritos apresenta desafios que têm, por séculos, exigido a criatividade e habilidade de muitos tradutores cristãos. Isso, principalmente, porque se espera deles que o significado e a mensagem de um “texto sagrado” sejam mantidos intactos quando da sua tradução. Levando-se essa expectativa em consideração, as definições de tradução apresentadas por Nida (1964) como “substituição” e “transferência”, pareciam perfeitas e atendiam as expectativas em relação à tradução de um “texto sagrado”, cujo sentido acreditava-se estável e imutável. No entanto, segundo Arrojo (1999, p.44), a partir da nova concepção de tradução trazida por Derrida, a tradução de um texto

[...] será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.

As traduções dos “textos sagrados”, a “partir dos originais”, parece mais um apelo comercial que uma possibilidade tangível como acreditava Eugene Nida, Ainda que novas descobertas arqueológicas apresentem textos mais completos dos evangelhos e datados do século I da nossa era - os quais, sob a ótica pós-estruturalista, nem poderíamos considerar originais - as traduções desses textos “originais” vão ser sempre “traduções originais” do século XX e XXI, mais ligadas àquilo que “somos, sentimos e pensamos” ser o texto original dos evangelhos.

O primeiro dos quatro evangelhos a ser escrito foi o evangelho de Marcos provavelmente no transcorrer dos anos 60 E.C. A cópia mais completa e antiga encontra-se no Códice do Sinai e no Códice do Vaticano datados do século IV E.C. Nessas cópias é possível verificar indícios de performances orais, o que significa dizer que provavelmente o texto “original” de Marcos seja uma compilação de performances orais ligadas ao período da tradição oral das histórias sobre Jesus. O evangelho “original” de Marcos pode não ter sido um texto e sim um tipo de proclamação oral realizada nas reuniões de culto das comunidades primitivas e que acabou sendo transcrito para o papiro em algum momento no final dos anos 60 E.C. Dessa forma, desenvolveremos no próximo tópico o conceito da tradição oral como protótipo do “texto original”.

3 No princípio existia a palavra

O evangelho grego de Marcos pode ser considerado a transcrição de performances orais das narrativas acerca da vida de Jesus, pelo menos é o que indica o texto grego que nos chegou através do Códice do Sinai, a mais antiga e completa bíblia juntamente com o Códice do Vaticano, ambos datados do século IV E.C.

Podemos exemplificar isso a partir do texto do evangelho de Marcos, que conforme consenso entre os estudiosos recentes, foi o primeiro evangelho a ser escrito, por volta do ano 65 E.C., e também serviu de texto-base para que os evangelhos de Mateus e Lucas fossem produzidos, conforme Rabuske e Silva (2011, pp. 10 e 75).

Conforme Cenati (2019, pp. 61 e 62), nesse texto grego do evangelho de Marcos, a maneira recorrente de conectar as sentenças e episódios se dá por meio da conjunção grega *καί* (*kaí* = e) que aparece 1054 vezes assinalando indícios de transcrição e performances orais. Nas traduções para o português os tradutores suprimem quase todas as conjunções “e” a fim de oferecer uma leitura mais “confortável” e fazem desaparecer esses indícios da marcação oral.

No texto grego de Marcos preservado no Códice do Sinai se verifica que as partículas como *καί* (*kaí* = e) e outras recorrentes, como *εὐθύς* (*euthus* = logo, aparece 42 vezes) que têm “aborrecido linguistas e etnógrafos por sua repetição monótona, estão longe de ser características tediosas de mentes primitivas, elas são marcadores e ritmo” Faria (2011, p.115). Esse texto grego demonstra a fixação textual de performances orais e esses indícios de oralidade no texto de Marcos o relacionam cronologicamente ao cristianismo primitivo quando a oralidade ainda transmitia as histórias sobre Jesus.

Dessa forma, poderíamos arriscar cogitar que o “texto original” é a “palavra falada” e não a “palavra escrita”, “no princípio existia a palavra”⁴. Esses textos decorrentes das transcrições de performances orais vão, no decorrer do tempo, se estabelecer como canônicos, sagrados e intocáveis. Esse status de texto sacro que se firma eficazmente a partir do século IV E.C. – quando o imperador romano Constantino organiza a igreja Católica – culminará na tradução dos textos gregos para o latim por Jerônimo, este que será criticado por Santo Agostinho numa espécie de luta respectivamente entre o “sentido-por-sentido” e a “palavra-por-palavra”. A tradução dos textos do cristianismo, desde o século IV E.C. até a atualidade, é cercada pela dicotomia da equivalência dinâmica proposta na tradução da Vulgata por Jerônimo e a equivalência formal defendida por Santo Agostinho.

O problema central em torno da tradução dos “originais” dos textos sensíveis do cristianismo é que entre o Cristianismo primitivo e oral do século I E.C. e o Cristianismo do “livro” no século IV E.C. – quando já se esboçava aquilo que seria o cânone do Novo Testamento – muita alteração, adulteração, erros intencionais ou não, foram feitos nesses textos entendidos pelo Cristianismo como sagrados, intocáveis e fiéis.

Dessa forma, poderíamos afirmar então que o único “texto original” seria o “texto falado” nas performances orais. Não é razoável se falar em “texto original” – entendido como texto escrito – se no Cristianismo originário existia somente a palavra declamada ou cantada. O “texto original”, enquanto performance oral, já não seria mais o mesmo a partir da

⁴ BÍBLIA. João. Português. *Bíblia Sagrada: edição pastoral*. Tradução de Antônio Carlos Frizzo e outros. São Paulo: Paulus, 2016, p. 1293

interferência da transcrição, das repetidas cópias, dos erros, alterações e manipulações ocorridos entre o fim do período de transmissão oral dos evangelhos e a consolidação do Cristianismo no século IV E.C.

Atualmente muitos tradutores dos evangelhos, acadêmicos ou não, insistem em aplicar a equivalência formal defendida por Nida (1964) para garantir a “originalidade” do texto do Novo Testamento, porém essa “originalidade” já deixou de existir na primeira transcrição do “texto falado”. Além disso, os textos gregos mais completos do Novo Testamento datam aproximadamente do ano de 325 E.C., resultado de mais de dois séculos de recopias e alterações. Mesmo que os tradutores atuais apliquem a equivalência formal ou dinâmica em seu método de tradução – como preferiam respectivamente Jerônimo e Santo Agostinho – eles vão ainda se debater com outro problema: os textos gregos do Novo Testamento (325 E.C) foram escritos em letras maiúsculas, com as palavras todas juntas e sem pontuação. Assim surgem duas questões: como Jerônimo, em seu tempo, conseguiu estabelecer o “correto” sentido de um texto escrito nessas condições? Como que um tradutor de hoje pode realizar a interpretação e tradução a partir desse mesmo texto?

O sentido do texto talvez pudesse ser entendido apenas pela audiência das performances orais, dessa forma a “originalidade” estava no “texto falado”. A transcrição da performance oral e a recopia dessa transcrição, há muito fez o “texto original” – concebido pelo atual imaginário cristão – se perder. No princípio existia a palavra e ela era o “texto original” para uma audiência específica que a ouvia e interpretava as histórias sobre Jesus à luz de seu próprio tempo histórico.

Considerações finais

A tradução dos “textos sensíveis” do cristianismo sempre foi um grande desafio para os tradutores. Este desafio muitas vezes era vivido no campo da intelectualidade, no campo acadêmico, na vida cotidiana e na luta pessoal. Os riscos de ontem e de hoje são os mesmos e vão desde a simples censura até riscos contra a integridade física dos tradutores. Como sempre, o fator humano é preponderante quando se lida com a tradução e principalmente se essa tradução está ligada aquilo em que as pessoas acreditam e às emoções que fluem dessa crença.

O conceito de “texto original” serviu para marcar a ideia de “texto intocado” que deu início ao Cristianismo, portanto é sagrado e sua tradução deve ser “fiel” ao “texto original” uma vez que a mensagem “enviada por Deus” não pode ser mudada. O pensamento pós-estruturalista

conseguiu relativizar a ideia de “textos originais” já que para o pós-estruturalismo não há um “texto original”, pois todo “texto se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escrita (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (Arrojo, 1999 p.80). Assim, mesmo que tivéssemos o manuscrito do evangelista datado e assinado do I século E.C., ou mesmo que tenhamos uma nova descoberta arqueológica de textos do Novo Testamento, estes serão lidos, interpretados e traduzidos com um outro olhar, isto é, à luz do tempo histórico de seus tradutores e leitores. A ideia de um “texto original”, no que se refere ao Novo Testamento, se desmantela totalmente se considerarmos que no cristianismo primitivo o evangelho era ensinado através da palavra e não de um texto. As histórias contadas pelos evangelhos eram performances orais para uma audiência específica, ao serem transcritas a “originalidade” dos textos já começa a se desfazer. Somado a isso o “texto original” ainda vai sofrer adulterações ao longo dos séculos em decorrências das recopias e dos erros intencionais ou não que são inerentes a condição humana. Dessa forma, o paradigmático texto grego de Nestle-Aland, que figura como texto preferido para a tradução dos “textos sagrados”, é, no máximo, um “original grego” do século XX – XXI que pode até ter sido produzido com rigor científico, mas fora elaborado por pessoas do seu tempo.

Muita complexidade envolve a tradução dos “textos sensíveis” do Cristianismo como por exemplo: os fatores históricos, as teorias da tradução aplicáveis, a reação do público receptor, as limitações da ciência, os textos gregos antigos disponíveis, dentre outros fatores. Porém, essa mesma complexidade é que desafia o tradutor a se enveredar por esse caminho difícil e arriscado. É nossa condição humana de contradição, finitude e incompletude que nos convida a transcender nossas próprias limitações e aceitar desafios como a tradução de “textos sensíveis”. Toda geração deveria se sentir desafiada e “obrigada” a retraduzir os grandes clássicos como Homero, Sófocles, Aristóteles e também o Novo Testamento, mesmo que o desafio pareça difícil, custoso e arriscado, sobretudo para os tradutores desse último e emblemático texto da cultura greco-romana.

Referências Bibliográficas

ARROJO, Rosemary. *A questão do texto original. In: oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1999.

ASLANOV, Cyril. *A tradução como manipulação*. Traduzido pela Casa Guilherme de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2015.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

BÍBLIA. Marcos. Português. *Bíblia Sagrada: edição pastoral*. Tradução de Antônio Carlos Frizzo e outros. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 1225-1249.

_____. João. Português. *Bíblia Sagrada: edição pastoral*. Tradução de Antônio Carlos Frizzo e outros. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 1293-1324.

CENATI, Márcio José. *O evangelho de Marcos segundo o Códice do Sinai: introdução, tradução e notas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. Campinas, p. 296. 2019.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FARIA, Lair Amaro dos Santos. “Quem vos ouve, ouve a mim”: Oralidade e Memória nos Cristianismos Originários. Rio de Janeiro: Kline Editora, 2011.

HERMANS, Theo. *Translation as institution*. In: SNELL-HORNBY, Mary. *Translation as intercultural Communication: Selected Papers from the EST Congress-Prague, 1995* (Vol. 20). Amsterdam: John Benjamins, pp 2-20.

LONG, Lynne. *The Translation and Religion: Holy Untranslatable?* Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2005.

LOPES, M. M. M. *A sensibilidade na tradução de textos sagrados*. Todas as Letras (São Paulo), v. 11, n. 2, p. 62-73, 2009.

METZGER, Bruce M. *Un comentario textual al Nuevo Testamento Griego*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft / German Bible Society, 2006.

NIDA, Eugene. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in bible translating*. Leiden: E.J.Brill, 1964.

PAROSCHI, Wilson. *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

SAWYER, J. F.A. *Sacred languages and sacred texts*. London: Routledge, 1999.

SILVA, Cássio Murilo Dias da; RABUSKE, Irineu José. Evangelhos e Atos dos Apóstolos: Novíssima tradução dos originais. São Paulo: Edições Loyola, pp.77-112, 2011.